Kenneth L. Gentry, Jr.

Preterismo
Historicismo
Idealismo
Futurismo

Análise de
Quatro
Abordagens do
Apocalipse

revista cristã
última chamada

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

www.revistacrista.org

Preterismo
Historicismo
Idealismo
Futurismo

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada
- Edição de Fevereiro de 2021 –

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298
Operação: 013
Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Preterismo
Historicismo
Idealismo
Futurismo

Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.

Revista Cristã Última Chamada
Coleção Vários Autores
- Edição de Fevereiro de 2021–

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem Four Horsemen of Apocalypse,
by Viktor Vasnetsov. Painted in 1887.

Texto retirado do site do autor:
https://postmillennialworldview.com/
Acessado dia 06 de Fevereiro de 2021

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Fevereiro de 2021
Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor **07**
Prefácio do Editor **08**
1 Abordagem do Apocalipse: *Preterismo* 09
2 Preterismo: *Pontos Fracos e Pontos Fortes* 15
3 Abordagem do Apocalipse: *Historicismo* 19
4 Historicismo: *Pontos Fracos e Pontos Fortes* 23
5 Abordagem do Apocalipse: *Idealismo* 30
6 Abordagem do Apocalipse: *Futurismo* 34
7 Futurismo: *Pontos Fracos e Pontos Fortes* 37
Conclusão do Editor **41**
Apêndice 1
O Historicismo, o Apocalipse e a Reforma 43
Apêndice 2
Os Últimos Dias! Ponto de vista – IDEALISTA 48
Obras importantes para pesquisa **61**

Sobre o autor

Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do NiceneCouncil.com e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly. É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

Prefácio do Editor

Em dois mil anos de história do Cristianismo a mente humana foi capaz de produzir somente quatro interpretações ou abordagens do livro de Apocalipse, são elas: Preterismo, Historicismo, Idealismo e Futurismo.

Com muita maestria, o Dr. Kenneth L. Gentry, Jr. escreveu sete artigos sobre cada uma dessas abordagens, sinalizando seus pontos fortes e fracos. Resolvi reunir em formato de e-book esses artigos, acrescentando dois apêndices, sendo um deles um texto que defende o Idealismo em relação a interpretação do Apocalipse, a fim de que o leitor possa se familiarizar com essa abordagem escatológica direto da fonte.

No final deste e-book, após conhecer cada uma das quatro abordagens do livro de Apocalipse, o leitor poderá ver a minha conclusão final e qual objetivo tenho em mente a respeito de uma escatologia mais ampla do que essas quatro linhas interpretativas.

Boa leitura.

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã Última Chamada

1
Abordagem do Apocalipse: *Preterismo*

Das quatro escolas interpretativas do Apocalipse, uma das mais negligenciadas em nossos tempos foi o preterismo. No entanto, está experimentando um forte ressurgimento nos últimos dias. Isso parece ser devido a duas influências poderosas: (1) O futurismo alertou o mercado evangélico com falsas previsões. (2) À medida que os cristãos olham para as alternativas, eles encontram um argumento exegético e teológico poderoso para o preterismo em contribuições recentes para o debate.

O preterismo é a visão da "história antiga" do Apocalipse. O preterismo praticamente aponta para o passado das pessoas, você pode dizer (mas eu duvido que você possa dizer cinco vezes muito rapidamente). À medida que me movo em direção ao final desta série sobre a abordagem interpretativa do Apocalipse, abordarei o preterismo em dois artigos.

A visão preterista é conhecida como o ponto de vista "contemporâneo iminente" ou "histórico contemporâneo" ou "histórico iminente". É tecnicamente rotulado pelos estudiosos pela palavra alemã *zeitgeschichtliche* ("história contemporânea"). É uma abordagem histórica fortemente redentora que destaca a transição da antiga aliança para a nova aliança como a fase conclusiva da história redentora, embora também inclua o eventual colapso do Império Romano. Assim, ele vê o cumprimento do Apocalipse no passado.

Basicamente, esta escola entende que a grande maioria (não todas, por exemplo, Apocalipse 20:11-15) das profecias em Apocalipse 4-22 está lidando com questões e eventos começando nos dias de João ou dentro de apenas alguns séculos depois, questões que de nossa perspectiva estão em um passado distante. Daí a designação "preterismo", da palavra latina "praeteritus" que significa "passado", ou seja, passado.

As declarações de abertura e encerramento no Apocalipse fornecem evidências importantes para o intérprete preterista. Nessas passagens, João declara que os eventos "devem acontecer em breve" (Apocalipse 1:1; 22:6), pois "o tempo está próximo" (Apocalipse 1:3), consequentemente, o anjo o ordena "não sele as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo"(Apocalipse 22:6). O fato do Apocalipse estar em forma de carta também ressalta seu significado direto para o público original.

De acordo com R. H. Charles, traços de preterismo podem ser encontrados em alguns pais da igreja primitiva, como Irineu, Hipólito e Vitorino. Por exemplo, o pré-milenista Victorinus conta os cinco imperadores mortos começando com Galba e vê Nero como a besta. Certamente vemos sua influência em André de Cesaréia (611 d.C.), onde ele interpreta algumas das cenas de julgamento como referindo-se a Vespasiano e à Guerra Judaica.

A este respeito, mesmo o dispensacionalista J. F. Walvoord admite:

> "...alguns na igreja primitiva podem ter tido pontos de vista semelhantes".

O preterismo parece se tornar uma grande força interpretativa em 1547, quando Johannes Hentenius de Louvain (1499–1564) edita o comentário sobre o Apocalipse por Arethas da Capadócia (J. Court; AW Wainwright). É mantido por Hugo Grotius (1583-1645) e Henry Hammond (1605-60), mas seu sistematizador mais influente é o

jesuíta espanhol Luis De Alcasar (1554-1613), que é "o primeiro a tentar uma exposição completa de todo ou parte pré-milenar [i.e., pré-Apocalipse 20] do livro, como um todo conectado e em avanço que se enquadra na era do apocalíptico e nos séculos imediatamente seguintes"(I. T. Beckwith). Muitos liberais sustentam essa visão, embora despidos do sobrenaturalismo do preterismo evangélico.

Existem duas visões básicas dentro do campo preterista. Uma afirma que os eventos do Apocalipse se concentram tanto na destruição de Jerusalém com seu templo (70 d.C.) e no colapso de Roma (410 d.C.). Por exemplo, a *Enciclopédia de Literatura Bíblica, Teológica e Eclesiástica*, apresenta a posição que:

> "Estamos inclinados a adotar aquilo que considera a primeira série de visões proféticas propriamente ditas (cap. IV-XII) como indicando o colapso (em parte no tempo já transcorrido) da potência perseguidora mais próxima, a saber, o Judaísmo; a segunda série (cap. XIII – XIX) como denotando a queda final do perseguidor seguinte, isto é, Roma"(com o perseguidor final conquistado nas visões finais).
>
> A outro vê o foco principal de João nos eventos em torno do ano 70 d.C., que incluem a destruição do templo e as guerras civis romanas no Ano dos Quatro Imperadores (68-69 d.C.), mas não diz nada sobre o colapso dos séculos de Roma mais tarde. A. F. Beagley resume esta posição: João está "preocupado com a situação da Igreja e seu conflito com o judaísmo e com o governo romano, e particularmente com a aliança entre essas duas potências que buscavam esmagar o crescente movimento cristão... O livro descreve principalmente os julgamentos que vêm sobre o povo judeu por causa de sua rejeição ao messianismo de Jesus e sua perseguição à comunidade cristã, o clímax sendo alcançado na descrição da queda de Jerusalém (simbolizado pela cidade/prostituta, 'Babilônia')".

A posição preterista predominante é a visão dual de Jerusalém e Roma. É detida por escritores como Ludovicus Alcasar (1614),

Alphonso Salmeron (1614), Hugo Grotius (1664), J. B. Bousset (1690), Clericus (1698), Campegius Vitringa (1705), J. S. Herrenschneider (1786), J. G. Eichhorn (1791), Moses Stuart (1845), Friederich Düsterdieck (1884), Philip Schaff (1910), David S. Clark (1922), Philip Mauro (1925), Ray Summers (1951), Martin Hopkins (1965), Andrè Feuillet (1965), Jay Adams (1966), G. B. Caird (1966), William Barclay (1976), Greg L. Bahnsen (1977), M. E. Boring (1989), Wilfred J. Harrington (1991) e Roland H. Worth (1999).

A visão que sustenta que o Apocalipse se concentra mais estreitamente na era 70 d.C. é sustentada por J. J. Wetstein (1752), Firmin Abauzit (1733), Jean Harduin (1741), Johann Christoph Harenberg (1759), Johann S. Semler (1766), Johann Gottfried von Herder (1779), H. G. Hartwig (1783), Samuel Herrenschneider (1786), C. Heinrich Heinrichs (1818-21), C. F. J. Züllig (1834-40), J. Stuart Russell (1887), Milton Terry (1898) , J. Massyngberde Ford (1975), Cornelis Vanderwaal (1979; 1990), Alan James Beagley (1987), David Chilton (1987), Kenneth L. Gentry, Jr. (1989), J. E. Leonard (1991), Bruce J. Malina (2000), Margaret Barker (2000), Michael Barber (2005) e Sebastian Smolarz (2011).

Por exemplo, C. van der Waal (1990:125) afirma:

> "...o fato de que um livro inteiro é dedicado à queda de Jerusalém prova o quão dominante é este tema no Novo Testamento... No Apocalipse, a controvérsia é: igreja versus sinagoga".

Na maior parte, também é sustentado por Philip Carrington (1931), Eugenia Corsini (1983), Edmondo Lupieri (1999) e provavelmente Paul T. Penley (2010) que intencionalmente suprime seu ponto de vista, mas frequentemente defende a posição.

Mesmo um defensor preterista da visão Babilônia = Roma, Nigel Turner faz várias pausas em sua exposição para meditar sobre a possível identidade de Jerusalém. Em Apocalipse 11:8, ele declara:

> "Há algo a ser dito sobre a identificação com Jerusalém em Apocalipse; não se deve presumir facilmente que o livro é dirigido contra Roma, e não contra os judeus".

Em Apocalipse 17, pouco antes de dar a definição de Roma, ele escreve:

> "É difícil resistir à conclusão de que tudo isso se aplica muito apropriadamente a Jerusalém... então, mais uma vez surge a pergunta se o Apocalipse não é realmente dirigido contra o judaísmo militante e perseguidor não-cristão, que impediu a propagação do Evangelho em seus primeiros dias, ao invés da Roma secular".

Eu chamo a posição Roma + Jerusalém de "preterismo histórico" no sentido de que lida com as destruições da Jerusalém sagrada e da Roma secular como episódios históricos mundiais significativos. Considerando que a visão focada em Jerusalém (minha) eu designo como "preterismo histórico-redentor". Eu traço essa distinção no sentido de que ela enfatiza o significado teológico e redentor - não simplesmente histórico – do ano 70 d.C. como a conclusão da velha aliança quando ela finalmente, plena e para sempre estabelece a nova aliança. Assim como Beale, Smalley e outros se autodenominam "idealistas modificados" (Smalley 16; cp. Beale 48), talvez o preterismo histórico-redentor pudesse ser considerado "preterismo modificado", em oposição à visão preterista da maioria atual.

Embora C. Hill seja mais um preterista histórico, ele apresenta o assunto bem:

> "João assume seu ponto de vista em sua própria época e enfatiza sua contemporaneidade com seus leitores... A ideia de *Heilsgeschichte* é o fundamento da visão da história que subjaz ao Apocalipse e é nesta perspectiva que o autor pode dirigir-se, com conforto e desafio, a uma igreja em vias de se tornar uma igreja mártir... O Apocalipse é, portanto, um livro escrito fora de seu tempo e para o seu tempo".

A. Clarke afirma sua posição de que "o apocalipse contém uma descrição profética da destruição de Jerusalém, da guerra judaica e das guerras civis dos romanos". Isso limitaria amplamente os eventos do Apocalipse à era 67-70 d.C. Curiosamente para esta visão, M. Barker observa que "há uma semelhança notável entre os presságios e oráculos relatados por Josefo e aqueles no Livro do Apocalipse".

O trabalho de Josefo é extremamente útil para fornecer percepções históricas sobre os eventos que antecederam e em torno do ano 70 d.C. De fato, "como historiador, [Josefo] está de fato em uma posição excepcionalmente privilegiada, pois seu conhecimento da crise é muito importante extensão de uma testemunha ocular, ou então, onde ela não está fisicamente presente, derivada da evidência de testemunhas oculares"(T. Rajak). Ainda mais notável, ele tem acesso a testemunhas oculares de ambos os lados.

Assim, em termos básicos, é isso que entendemos por preterismo. Em meu próximo artigo, destacarei seus pontos fracos e fortes.

2
Preterismo:
Pontos Fracos e Pontos Fortes

O preterismo ainda não é familiar para os dispensacionalistas que dominam o mercado editorial evangélico. Ainda assim, está avançando. E acredito que esteja marcando presença por seus grandes pontos fortes. Vamos considerá-los e, em seguida, considerar seus pontos fracos.

Pontos fortes do preterismo

Os principais pontos fortes do preterismo são:

> (1) Ele retém e enfatiza a relevância do Apocalipse para o público de João no primeiro século (as sete igrejas na Ásia Menor e o Cristianismo apostólico de forma mais ampla), que está enfrentando um período cada vez pior de perseguição e opressão (Apocalipse 1:9; 6:9- 11; 14:13; 17:6) que exigiria que os cristãos se esforçassem para "vencer" (Apocalipse 2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21). João escreve para pessoas específica em um determinado momento, e essas pessoas são instadas a "ouvir" cuidadosamente (Apocalipse 1:3) o que o Apocalipse apresenta.

Como I. T. Beckwith bem observa:

"Como 'toda escritura inspirada por Deus', o Apocalipse certamente deveria ser para aqueles a quem veio 'proveitoso para o ensino' (2 Timóteo 3:16), e assim o escritor deve ter contado em ser compreendido em suas principais lições". Isso difere radicalmente do futurismo, que deve argumentar que "o significado completo do Apocalipse só será entendido 'quando tudo tiver acontecido' (A. Kuyper). J. F. Walvoord admite que "à medida que a história se desenrola e a profecia é cumprida no futuro, muito será compreendido que poderia ser apenas vagamente compreendido pelos primeiros leitores do livro".

(2) O preterismo leva a sério os indicadores de tempo de Apocalipse: "as coisas que brevemente devem acontecer" (Apocalipse 1:1, 22:6); "O tempo está próximo" (Apocalipse 1:3; 22:10). Esses qualificadores temporais aparecem na introdução e na conclusão do Apocalipse, de forma que qualquer leitor original sem preconceitos deve esperar que o que ele vai ouvir e o que ele deve entender é uma profecia sobre eventos que se aproximam rapidamente. Não apenas isso, mas esses delimitadores temporais aparecem bem antes e imediatamente após as visões simbólicas desconcertantes. Consequentemente, eles aparecem nas seções mais didáticas e menos dramáticas.

(3) Ele apresenta dramaticamente importantes questões históricas redentoras: o fim do judaísmo e do sistema de templos (após 2.000 anos de enfoque judaico e 1.500 anos de adoração no tabernáculo/templo) e a universalização da fé cristã à medida que se liberta permanentemente de seus laços maternos com o Israel baseado no templo. Durante seus primeiros anos, o Cristianismo gravita em torno do templo (por exemplo, Atos 2:46; 3:1; 5:20, 42; 21:26; 22:17; 24:11) e Jerusalém (por exemplo, Atos 1:4; 6:7; 8:1; 15:2; 19:21). Portanto, essa transição da aliança é um tema principal e recorrente no Novo Testamento.

Vemos isso especialmente em Hebreus, que tem isso como seu ponto central de controle: João "descreve a substituição da Antiga Aliança pelo Cristianismo em uma linguagem que lembra a epístola aos Hebreus" (M. Hopkins). Mas também testemunhamos numerosas alusões ao ano 70 d.C. em muitos textos dos Evangelhos (por exemplo, Mateus 8:11-12; 21:43; 22:1-7; 23:35-38; 24:1-34), bem como em outro lugar (Atos 2:16–21, 37–40; 7:48–53; 1 Tessalonicenses 2:14–16).

> (4) Ao suportar tais catástrofes como as que aparecem em Apocalipse, a igreja do primeiro século serve como um exemplo da proteção providencial de Cristo a seu povo - dando esperança não apenas para aquele dia, mas para todas as eras. Se Cristo pode libertar a igreja em sua infância durante seu estágio mais fraco de desenvolvimento de dois inimigos onipresentes, então o futuro parece brilhante com esperança.

Fraquezas do preterismo

Não há nenhuma. Exceto que as vendas de livros dos preteristas chegam à casa dos milhares, enquanto as vendas dos livros dos dispensacionalistas chegam às dezenas de milhões.

Conclusão deste tópico

Embora exista um grande número de subvariedades dentro de cada uma das quatro escolas interpretativas básicas, devemos estar cientes dos distintivos fundamentais de cada escola. Não apresento a abordagem "eclética" atualmente popular de G. K. Beale e alguns outros porque, como Beale observa: "a maioria dos símbolos no livro são transtemporais no sentido de que são aplicáveis a eventos ao longo da 'era da igreja'".Consequentemente, "nenhum evento histórico profetizado específico é discernido no livro". Portanto, essa visão "eclética" é simplesmente outra versão de idealismo.

Eu também observaria que as diferentes escolas interpretativas parecem surgir de nossa distância histórica do cenário original de Apocalipse. Como R. H. Mounce observa:

> João "escreveu sobre sua própria situação imediata, suas profecias teriam um cumprimento histórico, ele antecipou uma consumação futura e revelou princípios que operaram sob o curso da história".

Consequentemente, podemos supor que, ao escrever Apocalipse, João é simultaneamente futurista, historicista, idealista e preterista!

E, finalmente, como um cristão evangélico, gostaria de salientar que cada visão tem adeptos evangélicos dentro dela. Infelizmente, alguns futuristas dispensacionalistas rejeitam as outras abordagens como perigosamente tendentes ao liberalismo - embora eles convenientemente nunca mencionem as versões cultuais do pré-milenismo (Mormonismo; Testemunhas de Jeová).

3
Abordagem do Apocalipse: *Historicismo*

O livro do Apocalipse é chamado de "revelação", apesar de parecer uma ofuscação para a maioria dos leitores modernos. Parece que onde quer que haja cinco comentários sobre o Apocalipse, você encontrará seis visões deste livro misterioso, tal é a nossa perplexidade ao abordar esta magnífica obra.

Como observei em meu artigo anterior, as abordagens do Apocalipse geralmente são classificadas em quatro escolas básicas de pensamento. Neste artigo, considerarei a visão conhecida como "Historicismo". O historicismo é a visão de "toda a história". Vamos começar.

A escola historicista é algumas vezes chamada de abordagem "contínua-histórica" ou "eclesiástica-histórica" ou, mais tecnicamente, a abordagem *weltgeschichtlich* (história mundial) ou *kirchengeschichtlich* (história da igreja). Esta visão promove um cumprimento contínuo do drama profético do Apocalipse, de modo que vemos nele um panorama da história da Igreja desde a era apostólica e a fundação do Cristianismo até o retorno de Cristo na conclusão da história.

Como O. E. Collins expressa:

> "Essa abordagem vê o Apocalipse como uma previsão do progresso e destino da igreja em seu conflito com Roma e o poder do Anticristo Romano previsto em Daniel sete. Suas profecias referem-se a eventos desde o tempo da igreja do Novo Testamento até a consumação do tempo do fim... Ele se concentra no curso da história da igreja, retratando a vitória de Cristo sobre o Anticristo, a redenção de Sua noiva, a Igreja, a destruição final do mal e o estabelecimento do governo eterno de Cristo em Sua segunda vinda".

A continuidade histórica é o foco principal desta abordagem. Assim, os historicistas consideram o Apocalipse como uma espécie de almanaque ou compêndio divinamente escrito da história da igreja que fornece um esboço profético de certos elementos-chave dessa história. Eles aplicam as inúmeras cenas de julgamento a várias guerras, revoluções e movimentos sócio-políticos e religiosos (por exemplo, Arianismo, a ascensão do Catolicismo Romano, a ascensão do Islã, as Cruzadas, a Inquisição, a eclosão da Reforma Protestante, a Revolução Francesa, etc.), bem como pessoas históricas importantes (por exemplo, vários papas, Muhammed, Carlos Magno, Sacro Imperador Romano Henrique IV, Saladino, Wycliffe, Lutero, Napoleão, Hitler, etc.).

A maioria dos estudiosos vê Joachim de Floris (ca. 1130-1202), um monge católico romano e místico, popularizando essa visão (por exemplo, A. F. Johnson; G. E. Ladd; G. R. Osborne 18). Sobre Joachim, David deSilva observa que ele "trouxe esta leitura a um novo destaque". Encontramos indícios dessa abordagem, porém, muito antes nos pais Ante-Nicenos. Não muito depois de Joachim, Nicolau de Lyra (m. 1340) parece gerar a "aplicação mais sistemática e abrangente da ideia" (I. T. Beckwith 329).

Por fim, o historicismo exerce forte influência entre os reformadores e seus herdeiros, que o empregam vigorosamente contra a Igreja Católica Romana. Na verdade, os defensores do historicismo incluem "a maioria dos intérpretes protestantes até o século 19" (C. M. Pate).

Aderentes notáveis a esta visão incluem Martinho Lutero (1522), Thomas Brightman (1607), Joseph Mede (1627), William Whiston (1706), Sir Isaac Newton (1732), E. H. Elliott (1851), Ernst Willhelm Hengstenberg (1851), Albert Barnes (1851) e Henry Alford (1861). Para uma lista completa de comentários historicistas, consulte O. Collins 2007.

Estamos testemunhando um declínio abrupto na defesa do historicismo. G. Desrosiers fala disso como "à beira de desaparecer completamente". Por exemplo, Zondervan nem mesmo o inclui como uma opção em suas Quatro Visões sobre o Livro do Apocalipse (1999). Os historicistas são tão raros hoje que, em sua lista bastante completa de comentários historicistas, O. Collins tem que pular do comentário de E. P. Cachemaille em 1931 para o de Francis Nigel Lee em 2000.

M. E. Boring parece estar correto quando observa que "embora amplamente defendido por intérpretes protestantes após a Reforma e no século XX, nenhum estudioso crítico do Novo Testamento hoje defende essa visão". Consequentemente, "hoje há poucos [historicistas]" (C. M. Pate). Dois comentários recentes, no entanto, apoiam a posição: *John's Revelation Unveiled*, de Francis Nigel Lee, e *The Final Prophecy of Jesus*, de Oral E. Collins (2007).

Estranhamente, podemos frequentemente encontrar traços de historicismo misturados com futurismo na abordagem dispensacionalista ao Apocalipse. Embora o dispensacionalismo defenda fortemente o futurismo (veja abaixo), muitos dispensacionalistas veem as sete igrejas de uma perspectiva historicista como representando sete estágios da história da igreja (C. C. Ryrie; J. F. Walvoord; *Popular Encyclopedia of Biblical Prophecy*; *New Scofield Reference Bible*).

Podemos dizer do historicismo o que Miracle Max diz de Westley em "*The Princess Bride*":

> "Acontece que seu amigo aqui está quase morto. Há uma grande diferença entre quase todos mortos e todos mortos. Quase todo morto está ligeiramente vivo".

Junte-se a mim em meu próximo artigo e explicarei as circunstâncias de sua morte.

4
Historicismo:
Pontos Fracos e Pontos Fortes

Quando nos aproximamos do Livro de Apocalipse, devemos fazê-lo com temor e tremor. Conquistou muitos estudiosos experientes. Alguns compararam o Apocalipse a um buraco negro: é tão denso que a luz não consegue escapar dele. Isso é estranho porque na verdade é chamado de "revelação", isto é, desvelar, abrir. Por causa da confusão que isso gera, os estudiosos reconhecem as principais escolas de interpretação. Estou oferecendo uma curta série sobre essas abordagens.

Entre as principais escolas de interpretação sobre o Apocalipse, o historicismo sustenta que João cobre toda a história ou pelo menos toda a história desde a fundação do cristianismo no primeiro século até o retorno de Cristo. Essa visão tem sido bastante popular na exegese cristã, embora esteja virtualmente desaparecida hoje. Vou listar seus aparentes pontos fortes e, em seguida, focar em seus pontos fracos.

Pontos fortes do historicismo

O historicismo tem vários pontos fortes que parecem ter atraído adeptos ao longo dos anos.

(1) O próprio conceito tem uma certa plausibilidade contextual: Apocalipse 1–3 claramente abre com eventos nos dias de João e Apocalipse 21–22, onde encontramos a nova criação, parece lidar com os últimos dias da história. Isso sugere que os capítulos 4–20 devem abranger o tempo intermediário. Na verdade, no início do registro de João em Apocalipse 1:19, aprendemos que ele deve escrever as coisas "que viste, e as que existem, e as que acontecerão depois dessas coisas".

(2) Seu interesse na sucessão cronológica parece se encaixar bem com as várias séries de eventos de Apocalipse (primeira trombeta, segunda trombeta, terceira trombeta, etc.) e declarações sobre coisas que ocorrem "depois" disto ou daquilo (Apocalipse 7:1; 9:12; 15:5; 18:1; 19:1; etc.).

(3) Quando adotado, aparentemente oferece um guia divinamente revelado ou uma pré-interpretação da história. O forte compromisso do Cristianismo com a história como a arena da providência soberana de Deus e do amor redentor que se encaixa bem com essa abordagem.

(4) Também sugere a relevância contemporânea das profecias de Apocalipse para os nossos dias, uma vez que está mapeando o fluxo da história até o fim - o que obviamente ainda não ocorreu.

Os pontos fracos do historicismo

Apesar desses pontos fortes atraentes, vários pontos fracos debilitantes minam o sistema. Isso explica por que "a maioria da exegese acadêmica moderna não sustenta mais tal aplicação" (J. Court). Entre essas fraquezas, eu listaria as seguintes.

(1) Sua deficiência mais flagrante reside no fato de que João escreve o Apocalipse a uma Igreja sitiada do primeiro século. Ainda assim, nesta visão, ele está escrevendo para eles principalmente sobre eventos futuros distantes e detalhados dos quais eles não poderiam ter absolutamente nenhuma compreensão. E isso apesar da preocupação declarada de João por seu público contemporâneo sob coação (Apocalipse 1:9), visto que eles temem o que estão "prestes a sofrer" (Apocalipse 2:10), bem como sua promessa de uma bênção especial para eles se derem atenção às coisas dentro (Apocalipse 1:3) para que eles possam ser "vencedores" (Apocalipse 2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21).

(2) Historicamente, a maioria dos historicistas presumiu que estão vivendo no fim da história e prestes a testemunhar o final de Apocalipse. Por exemplo, essa visão é bastante proeminente na Idade Média, quando o milenismo começou a florescer mais uma vez e o historicismo é empregado para mostrar que "o milênio estava para amanhecer" (D. A. Carson). Para dar apenas um exemplo, Josephus Mede (1586-1639) observa em seu comentário:

> "Enquanto escrevo notícias, são trazidas notícias de um Príncipe do Norte (ou seja, Gustavus Adophus) obtendo vitórias sobre o Imperador em defesa dos alemães protestantes aflitos".

Um comentário sobre problemas recorrentes no debate escatológico em geral se aplicaria ao historicismo em particular: o historiador F. Roy Coad bem afirma que "quase invariavelmente a interpretação foi viciada pela relutância ou incapacidade dos comentadores em visualizar sua própria época como algo diferente do tempo do fim". Assim, B. D. Ehrman desdenhosamente observa que a maioria dos intérpretes do Apocalipse "tem se preocupado em mostrar que a besta finalmente surgiu em seus próprios dias. Raramente as interpretações são apresentadas como conjecturas, é claro, mas quase

sempre com a confiança de quem tem informações privilegiadas"(cp. J. Kovacs e C. Rowland; J. B. Payne).

> (3) Como consequência do problema anterior, a interpretação historicista está em um estado de fluxo constante porque "estava sob a necessidade de revisar seu resultado com o progresso dos eventos" (H. B. Swete). À medida que a história se alonga, variedades mais antigas dessa escola interpretativa experimentam um grande número de expectativas frustradas, expondo o sistema a grande constrangimento. Esse problema pode ser facilmente demonstrado simplesmente pegando um comentário historicista com mais de 100 anos.

J. M. Court se pergunta como essa visão permaneceu por muito tempo "estranhamente atraente, apesar da angústia e decepção recorrentes que causa". F. Bleek concorda:

> "Havia uma tendência natural entre os intérpretes de diferentes épocas e partes diferentes para encontrar precisamente seus próprios tempos e suas próprias lutas no livro, e seus adversários e perseguidores descritos nos poderes hostis que aparecem nele".

> (4) A. S. Brady destaca a razão subjacente para ambos os problemas anteriores:

> > "A revelação estava à mercê de um subjetivismo quase completo, pois os símbolos poderiam representar apenas qualquer característica de notoriedade que o expositor desejasse extrair dos registros da história da Igreja".

> Assim, o historicismo pode facilmente levar a interpretações frágeis.

Por exemplo, no comentário recente de O. Collins, encontramos as seguintes datas apresentadas como cumprimentos proféticos do Apocalipse: O cavalo branco do primeiro selo "foi notável e

exclusivamente cumprido na era que se estendeu de 98-180 d.C.". O cavalo vermelho do segundo selo fala da "ascensão do Imperador Cômodo em 180 d.C. até a morte de Carinus em 284 d.C.)", eventos que "cumprem de forma notável as imagens proféticas deste segundo selo". "A era do cavalo preto [quarto selo] produziu uma ilustração particularmente notável das condições dramatizadas pelos símbolos do terceiro selo... Quando a deflação do choenix no período de Alexandre Severus [222-235 d.C.] é contabilizada, [ela] representa com precisão os preços então estipulados" neste selo. "O período de 248 d.C. acerca de 270 d.C.,começando com o governo do Imperador Filipe e terminando com o Imperador Aureliano, é apropriadamente caracterizado pelo cavaleiro, 'Morte'". O quinto selo profetiza "Diocleciano em 303 d.C. quando anunciou sua determinação em eliminar os Cristãos e o Cristianismo do Império".

Mais tarde, O. Collins explica que as duas testemunhas são os "crentes evangélicos que fugiram da perseguição à igreja romana para regiões remotas nas montanhas do sul da Europa e da Ásia Menor". Ele apresenta uma tabela dos "sete reis" de Apocalipse 17:10, que representam as fases do governo de Roma:

1. Reis. 753 – ca. 509 a.C.
2. Cônsules, cerca de 509-ca. 498 a.C.
3. Ditadores, ca. 498–451 a.C.
4. Decemviri, 451–443 a.C.
5. Tribunos militares, 443–31 a.C.
6. Imperadores, 31 a.C. – 96 d.C.

E, claro, a "sétima cabeça, [é] ainda 'ainda não veio' (Apocalipse 17:10). Collins afirma que "as profecias da quinta e da sexta trombeta preveem as conquistas muçulmanas... concluindo o período com a conquista turca de Constantinopla em 1453 d.C.". A primeira tigela com suas feridas "simboliza as condições que se desenvolveram na terra romana durante os séculos 15 e 17 e que eventualmente eclodiram na Revolução Francesa do século 18". A "profecia da quinta tigela foi dramaticamente cumprida nas circunstâncias que

resultaram da Revolução Francesa e culminaram em 1866-70 com a perda do poder temporal do Vaticano". A "sétima taça é derramada 'sobre o ar'... Isso parece sugerir um local bastante universal e talvez uma guerra aérea", o que o leva a afirmar: "duas guerras mundiais cumprem a dimensão universal desta profecia".

Outras evidências do subjetivismo do historicismo servem como sua própria refutação. De acordo com A. Pieters, Elliott explica o silêncio em Apocalipse 10:4 como representando os setenta anos entre a vitória de Constantino e a morte de Teodósio em 395 - uma visão que provavelmente desperta pouco interesse na audiência original de João.

A. Barnes interpreta a ordem de João de não escrever o que os sete trovões proferem (Apocalipse 10:4): eles representam "anátemas papais"contra os protestantes e neles "não havia nada que fosse digno de registro". Durante a Reforma, os protestantes o usam para aplicar o Apocalipse contra a Igreja Católica Romana, e Roma retribui o favor, aplicando-o aos protestantes. Como consequência, H. Thorndike observa com propriedade que "a imputação do Anticristo é uma sela para todos os cavalos".

> (5) Como resultado de seu subjetivismo, os historicistas demonstram uma falta quase completa de acordo entre si. Sempre que dois ou três historicistas estão reunidos, o caos está no meio.
>
> (6) O historicismo geralmente lida com as profecias de Apocalipse como ocorrendo de forma linear, apesar da forte evidência de seu emprego de recapitulação. Tende a considerar as declarações "depois" de João como afirmando a sucessão cronológica no cumprimento histórico, em vez da experiência de João em receber as visões em uma ordem particular.
>
> (7) Em vez de fornecer uma visão verdadeiramente global da história, sua relevância está confinada ao mundo ocidental,

com o progresso da história sendo traçado apenas na direção oeste. "As leituras historicistas, no entanto, são altamente eurocêntricas. Raramente, ou nunca, uma leitura historicista leva em conta a igreja na Ásia ou no hemisfério sul"(deSilva).

Claramente, o historicismo está "fraco e ferido/perdido e deixado para morrer", como diz o hino dos pecadores que precisam de Cristo. No próximo artigo, continuarei esta pesquisa das escolas interpretativas do Apocalipse.

5
Abordagem do Apocalipse: *Idealismo*

O humor irônico e às vezes depreciativo de Ambrose Bierce está registrado em seu Dicionário do Diabo. Lá ele define "Apocalipse" da seguinte forma: "Apocalipse. n. Um livro famoso em que São João, o Divino, escondeu tudo o que sabia. A revelação é feita pelos comentaristas, que nada sabem". Ele teria adorado nosso uso moderno de tele-evangelismo do Apocalipse.

Embora o Apocalipse tenha sido dado para ser uma "revelação", gerou muita confusão. Como consequência, quatro escolas básicas de pensamento surgiram a respeito do Apocalipse. Estou continuando uma série sobre este assunto. Neste estudo, consideraremos o "Idealismo".

A escola idealista também é chamada de "simbólica atemporal" e "poético-simbólica", ou mais tecnicamente *übergeschichtlichen* [em alemão]. Esta visão vê um "padrão repetido de cumprimento" (Poythress 29). Essa escola é a-histórica - ou melhor, supra-histórica - no sentido de que vê o ponto do Apocalipse como não tanto a pintura de um retrato objetivo e histórico. Em vez disso, a preocupação de João é fornecer um resumo alegórico não histórico de várias verdades redentivas ou princípios históricos significativos. Ele tenta fornecer a cena nos bastidores; isto é, oferece um olhar para as questões filosóficas/espirituais que se desenvolvem na história, ao invés dos próprios eventos históricos.

O idealismo, portanto, vê o Apocalipse como uma apresentação da luta contínua entre o bem e o mal, mostrando a obra de Deus para o bem e sua vitória sobre o mal, apresentando "verdades transcendentes que são válidas em todas as gerações" (David deSilva). Os defensores do idealismo incluem William Milligan (1889), R. C. H. Lenski (1943), William Hendriksen (1967), Paul S. Minear (1968) e R. J. Rushdoony (1970), bem como preteristas idealistas modificados (combinados) como G. K. Beale (1999) e Poythress (2000).

Milligan argumenta que "não devemos olhar no Apocalipse para eventos especiais, mas para uma exibição dos princípios que governam a história tanto do mundo quanto da Igreja" (cf. R. H. Mounce). Ele fornece "a ação de grandes princípios e não eventos especiais" (citado em D. A. Carson). "OApocalipse usa símbolos, imagens vívidas e ação dramática para expressar verdades transcendentes que são válidas em todas as gerações" (D. deSilva 2009: 5). Assim, a grande obra de João serve virtualmente como um poema teológico sobre a luta histórica, fornecendo uma filosofia da história.

K. A. Auberlen sustenta que os eventos e personagens do Apocalipse são mencionados apenas quando há "exemplos solitários de um princípio". Os símbolos do Apocalipse revelam Deus em seu controle soberano sobre os homens e as nações, apesar da resistência guerreira do homem. Esta visão é a mais recente das principais abordagens deApocalipse.

Pontos fortes do idealismo

O idealismo tem vários pontos fortes atraentes.

> (1) Parece se encaixar bem com a natureza simbólica do livro e com o envolvimento frequente do céu com seus "eventos" (por exemplo, Apocalipse 4:1-2; 9:1; 10:1; 11:19; 12:3).

(2) Fornece uma estrutura importante para a cosmovisão cristã com relação ao desenvolvimento histórico, visto que mostra a mão governante de Deus em ação. Dessa forma, estabelece um lugar central para a teologia em uma perspectiva histórica.

(3) Ao contrário do historicismo, não está sujeito a expectativas frustradas, uma vez que não lida expressamente com indivíduos ou eventos históricos concretos. Assim, "poupa o devoto das dores desnecessárias de seguir o curso de cálculos vãos e questões de curiosidade ociosa" (A. Kuyper).

(4) Não ignora o público original de João no sentido de que é sempre aplicável em qualquer momento da história.

(5) Também pode ser alterado para as outras abordagens interpretativas. Pois, em certo sentido, essa visão pode ser verdadeira simultaneamente com qualquer uma das outras visões. Afinal, a história é de fato o resultado de princípios divinamente estabelecidos. P. Carrington escreve sobre sua própria visão (uma fusão de idealismo-preterismo):

> "Os melhores comentários dos últimos anos foram aqueles em que os métodos Espiritual [isto é, idealista] e o Histórico-Presente [isto é, preterista] foram combinados; o Apocalipse representa grandes princípios se desenvolvendo na história real".

O pré-milenista Ladd admite que há "alguma verdade neste método". A. F. Johnson comenta: "sem dúvida, o livro reflete as grandes realidades atemporais da batalha entre Deus e Satanás". Craig Keener cita a declaração de Tenney a respeito do idealismo: "quase qualquer intérprete do Apocalipse poderia dar consentimento, independentemente da escola a que pertence."

(6) Encoraja os cristãos a olharem além deste véu de lágrimas para as questões finais que controlam a história, o que, é claro, é um tema recorrente em toda a revelação bíblica.

Fraquezas do idealismo

O idealismo tem alguns pontos fracos, entretanto. Considere o seguinte.

(1) Aparentemente, o Apocalipse parece estar tão preocupado com a história concreta que ignorar totalmente os eventos históricos parece desafiar a forte impressão que o livro deixa. Na verdade, os oráculos das sete igrejas mostram claramente um conhecimento e preocupação com seus cenários históricos reais (W. Ramsay; C. Hemer; R. Worth; E. Yamauchi).

(2) A revelação é tão longa e complexa que parece que uma visão como o idealismo poderia ser apresentada em um espaço mais curto e sem dar uma aparência de realidade histórica.

(3) Ele minimiza os indicadores de estrutura de tempo do livro que afirmam claramente que sua intenção principal é lidar com eventos que "devem acontecer em breve" (Apocalipse1:1) porque "o tempo está próximo" (Apocalipse 1:3). Assim, deSilva reclama: "uma abordagem puramente idealista, no entanto, entra em conflito com a própria perspectiva de John sobre a iminência e, portanto, relevância especial do material para seu público imediato".

O idealismo tem pontos fortes genuínos. E provavelmente está por trás de outras visões, embora não deva substituí-las. Vou continuar este estudo das escolas do Apocalipse em meu próximo artigo.

6
Abordagem do Apocalipse: *Futurismo*

OApocalipse confundiu as mentes dos melhores teólogos e pensadores. A confusão está tão enraizada que quatro escolas básicas de interpretação sobre o Apocalipse surgiram e dominaram a paisagem exegética. Nesta série, estou resumindo cada uma das escolas interpretativas básicas para melhor informar o cristão sobre a configuração do terreno nos estudos do Apocalipse.

Chegamos agora à visão mais popular em nosso mundo evangélico atual: o *futurismo*. A visão dominante entre os futuristas é, obviamente, o dispensacionalismo. Neste artigo, resumirei seus ensinamentos básicos e, no próximo, destacarei seus pontos fortes e fracos. O futurismo é basicamente a visão do "Fim da História".

A abordagem interpretativa mais amplamente prevalente no evangelicalismo americano hoje é o futurismo. O futurismo é algumas vezes denominado visão "escatológica pura", "histórica final" ou "escatológica final" - ou mais tecnicamente *endgeschichtlich* [em alemão] (história final). Esta abordagem espera uma realização futura.

O futurismo entende as profecias do Apocalipse (começando após Apocalipse 4:1) como apresentando eventos remotamente distantes, muito além do próprio cenário histórico de João. Essa visão entende o Apocalipse como lidando com as questões históricas finais que o mundo e/ou a igreja enfrentarão pouco antes do retorno de Cristo. A

maioria dos estudiosos concorda com J. Court que "o pioneiro e um expoente notável deste método de exegese foi o jesuíta espanhol Ribera", que estava respondendo ao "bombardeio da exegese anticatólica dos reformadores protestantes que usaram o Apocalipse como munição por seus ataques ao papado e à Igreja de Roma"(W. Lund).

É difícil classificar alguns dos primeiros pré-milenistas como futuristas, apesar da óbvia predileção pelo futurismo entre os pré-milenistas atuais. A razão para isso é porque os vários pais da igreja primitiva que são pré-milenistas (ao contrário dos dispensacionalistas, a igreja Ante-Nicena não é predominantemente pré-milenar) pensavam que já estavam no fim dos tempos. Assim, eles não pensam em um segundo advento futuro distante, pois acreditavam que viviam no próprio horizonte de eventos.

A igreja mais antiga está perto o suficiente da escrita do Apocalipse para que algumas formas de historicismo ou preterismo possam explicar seus pontos de vista. Embora esteja enganado quanto às origens históricas do futurismo, até o futurista John Walvoord lamenta:

> "Embora as conclusões pré-milenistas da visão futurística pareçam ter sido sustentadas pela igreja primitiva, os primeiros pais não interpretaram de forma clara ou consistente o livro do Apocalipse como um todo em um sentido futurista. Na verdade, pode ser demonstrado que o principal erro dos pais foi que eles tentaram interpretar o livro do Apocalipse como sendo cumprido contemporaneamente nas provações e dificuldades da igreja".

O futurismo é muito popular devido à ampla influência do dispensacionalismo. Os proponentes evangélicos populares do futurismo dispensacionalista no Apocalipse incluem: C. I. Scofield, John F. Walvoord, Charles C. Ryrie, Hal Lindsey, Robert L. Thomas e John F. MacArthur, Jr.

Essa visão também é fortemente defendida pelo teólogo amilenista reformado Abraham Kuyper. Kuyper afirma que nada no Apocalipse é anterior aos eventos que antecedem o Segundo Advento:

> "O Apocalipse de São João trata exclusivamente do que acontecerá quando o curso normal das coisas for interrompido, e o período final de ambos a vida da igreja e a vida do mundo são introduzidas".

Ele acrescenta que o Apocalipse "mostra mesmo com grande sofrimento que o Retorno do Senhor será quase imediatamente precedido por eventos extremamente importantes e marcantes". Ainda mais:

> "Essas profecias apocalípticas não se referem ao passado, não são a história dos últimos vinte séculos, mas preveem o que está por vir no início do fim".

Voltarei a considerar seus pontos fortes e fracos em meu próximo artigo. Embora seja uma visão amplamente defendida, suas fraquezas são debilitantes.

7
Futurismo:
Pontos Fracos e Pontos Fortes

A maioria dos evangélicos hoje assume que o Apocalipse está falando sobre seu próprio futuro. Muito poucos deles percebem que existem outras abordagens para o Apocalipse. O futurismo é uma visão difícil de derrubar por causa de sua grande base instalada de adeptos. Neste artigo, focalizarei os pontos fortes e fracos do futurismo, tendo apresentado os fundamentos do sistema em meu artigo anterior.

Pontos fortes do futurismo

O futurismo goza de certas qualidades aparentes que o tornam atraente para muitos hoje.

> (1) Parece permitir os eventos aparentemente universais e catastróficos de Apocalipse, em que estes são tão destrutivos que não poderiam ocorrer antes do tempo do fim. Afinal, "a maioria dos desastres naturais... pálido em insignificância quando comparado com as descrições do Vidente do sexto selo"(J. Court). Sob essa luz, J. F. Walvoord afirma que "a posição futurística permite uma interpretação mais literal das profecias específicas do livro".
>
> (2) Encoraja a fidelidade entre o povo de Deus em todos os momentos devido ao potencial surto dos julgamentos no

> Apocalipse, quando o fim repentinamente começa a entrar em erupção em cena. Portanto, mantém os cristãos olhando para frente, para que Deus cumpra seu plano para a história.
>
> (3) Informa-nos como a história terminará e em que circunstâncias, fazendo uma conclusão apropriada para o cânon bíblico que começa com o início da história (Gênesis 1).

Os pontos fracos do futurismo

Apesar de seus pontos fortes, várias fraquezas debilitantes o minam.

> (1) O futurismo remove quase totalmente a relevância do Apocalipse do público original de João, e em um momento de grande sofrimento. Essa abordagem virtualmente torna o Apocalipse uma cápsula do tempo enviada ao século XXI. C. Koester queixa-se de maneira divertida de que muitos parecem entender Apocalipse 1:1 como se lesse: "João, ao cristão na América do Norte, que vive no século XXI".

O próprio J. F. Walvoord admite que (em sua opinião) o Apocalipse "só poderia ser vagamente compreendido pelos primeiros leitores do livro". Mas João está escrevendo para uma Igreja perseguida (mesmo além das sete igrejas da Ásia - Apocalipse 2:7, 11, 17, 23, 29; 3:6, 13, 22) sobre coisas que eles próprios devem dar atenção (Apocalipse 1:3, 9; 3 :10; 6:9-11). No entanto, o futurismo afirma que os eventos profetizados ocorrerão em um futuro distante.

O futurista A. Kuyper vê essa fraqueza como uma força quando escreve:

> "Enquanto isso, no entanto, como realmente o Apocalipse não dá dados a respeito da história, mas apresenta apenas um relato dos eventos maravilhosos que anunciarão a *parousia* [vinda, em grego], imediatamente a precedem, e preparar o caminho para isso, a igreja

não tem sido capaz de dar moeda instantânea a este único entendimento correto das profecias apocalípticas. ”

(2) O futurismo requer que o leitor atual do Apocalipse reinterprete seus fenômenos (que são extraídos do contexto histórico da época de João) para torná-los adequados aos tempos modernos. Isso inclui questões militares antigas, como arcos e flechas, luta de espadas, cavalaria montada, cidades muradas e assim por diante. Dispensacionalistas populistas, por exemplo, transporão essas armas antigas com armas modernas - apesar de seus vigorosos protestos de que são literalistas. Assim, o sistema (dentro do ramo dispensacionalista) é dilacerado pela tensão dialética.

(3) O futurista deve reinterpretar totalmente as afirmações de Apocalipse sobre a proximidade de seus eventos, apesar de sua introdução e conclusão de toda a obra (Apocalipse 1:1, 3; 22:6, 10). Como D. deSilva observa:

> “A distância criada entre os primeiros ouvintes e o cumprimento das visões de Apocalipse está em forte contraste com a ênfase consistente em todo o Apocalipse de que 'o tempo está próximo' (Apocalipse 1:3; 22:10) e que as visões são iminentemente relevantes (acontecendo rapidamente: Apocalipse 1:1; 3:11; 22: 7, 12, 20).
>
> Particularmente problemática é a afirmação de 'especialistas em profecia' de que a mensagem do Apocalipse está finalmente sendo revelada nos eventos atuais, quando o próprio João considerou a mensagem do Apocalipse 'não lacrada', aberta para ser entendida por seus leitores imediatos (Apocalipse 22:10; contraste com Daniel 12:9)”.

Na verdade, “João dá um sinal claro de que o Apocalipse deve ser lido como uma carta, especificamente uma carta pastoral... João, portanto, pretendia que sua carta fosse compreendida por eles,

moldasse suas percepções de suas realidades cotidianas e motivasse uma resposta particular às suas circunstâncias"(deSilva).

> (4) O futurismo muitas vezes envolve subjetividade exegética, apesar de suas afirmações de envolver uma abordagem "mais normativa" da Escritura (J. F. Walvoord), "um padrão hermenêutico normal de interpretação" (R. L. Thomas). "O princípio de interpretação simples, literal ou normal" (C. R. Ryrie). Afinal, novas tecnologias surgirão em nosso futuro que exigirão uma reinterpretação das imagens já alteradas de Apocalipse.

Por exemplo, a interpretação do helicóptero Cobra de Hal Lindsey de Apocalipse 9 poderia eventualmente dar lugar à mais nova tecnologia de guerra de drones por controle remoto. Não está sujeito à verificação histórica atualmente e, portanto, é incapaz de falsificação. Consequentemente, ele falha no princípio de verificação que, de acordo com alguns estudiosos, o torna filosoficamente sem sentido.

Como P. Desprez observa a respeito de passagens que são difíceis de confirmar na história de uma perspectiva preterista:

> "É verdade, podemos resolvê-los todos no futuro, e este é o curso geralmente adotado pelos comentaristas quando surge alguma dificuldade, e um curso mais conveniente para é; pois, como ninguém pode refutar o que ainda não aconteceu, ninguém, pela necessária ignorância das coisas futuras, pode dizer positivamente que tais coisas não acontecerão".

Com essas graves fraquezas, imagino que o futurismo não tenha mais muito futuro.

Conclusão do Editor

Por César Francisco Raymundo

Na página dezoito deste e-book, o Dr. Gentry escreveu que "consequentemente, podemos supor que, ao escrever Apocalipse, João é simultaneamente futurista, historicista, idealista e preterista!" Achei muito interessante essa declaração, pois revela uma unidade dentro da escatologia bíblica. Sendo a escatologia algo único, ela é composta de passado, presente e futuro.

Quando resolvi lançar este e-book levei em consideração que o texto do mesmo servirá de base para um projeto ambicioso que tenho, isto é, o de chegar a uma escatologia concreta livre de abstrações e especulações proféticas, para trazer ao povo de Deus, finalmente, um consenso, em que não haja mais essas divisões que fazem mais mal do que bem aos crentes. Sei que não vou resolver essa questão escatológica, mas acredito que o que tenho em mente servirá de base para que muitos sejam guiados seguramente a uma escatologia sadia.

Creio que a escatologia é composta de um cumprimento passado (preterismo), com uma aplicação presente (historicismo e idealismo) e um cumprimento futuro (futurismo). Que o leitor entenda que quando se trata de uma aplicação presente (historicismo e idealismo), não quero dizer com isto um "cumprimento", mas o uso do cumprimento passado da profecia como arquétipos para o tempo presente. Em outras palavras, em todas as épocas temos as bestas do Apocalipse, tragédias, perseguições e os juízos de Deus contra o pecado de nações e indivíduos em particular. Na profecia cumprida

no passado temos o exemplo do que acontece com quem anda segundo a carne.

Apêndice 1
O Historicismo, o Apocalipse e a Reforma

Meu computador está ficando mais leve à medida que removo mais perguntas que foram enviadas a mim pelos leitores. A pergunta de hoje sobre o livro do Apocalipse, um dos meus passatempos favoritos!

Pergunta do leitor:

> "Você está comprometido com a fé reformada, mas não adota a abordagem historicista da escatologia que era amplamente defendida entre os reformadores. Por que você não segue os Reformadores nesta parte de sua teologia?"

Minha resposta:

Obrigado por sua pergunta. Você está correto ao dizer que estou comprometido com a teologia reformada. No entanto, eu difiro dos Reformadores por adotar uma abordagem preterista do Apocalipse em vez de uma abordagem historicista. Eu faço isso pelos seguintes motivos:

Em primeiro lugar, devemos lembrar que o Apocalipse não foi bem recebido entre alguns dos reformadores. Martinho Lutero, o famoso reformador e intérprete incansável das Escrituras, originalmente rejeitou o Apocalipse como não canônico, reclamando: "Meu

Espírito não pode se adaptar ao livro". Em sua tradução alemã da Bíblia, ele reclamou no prefácio do Apocalipse que o livro "não era nem apostólico nem profético".

O companheiro reformador Ulrich Zwingli (1484-1531) recusou-se a aceitar um texto-prova doutrinário do Apocalipse. O próprio Calvino não escreveu nenhum comentário sobre isso, apesar de ter escrito uma série muito completa de comentários sobre quase toda a Bíblia.

Em segundo lugar, os reformadores travaram uma luta literal de vida ou morte contra o romanismo. Consequentemente, eles tendiam a ver muitas passagens de julgamento pelas lentes de sua oposição a Roma. Eles permitem que o aplicativo substitua a interpretação em algumas situações.

Tal exposição é conhecida como "interpretação de atualização". "As interpretações atualizadas assumem duas formas. De uma forma, as imagens do Apocalipse são justapostas às próprias circunstâncias do intérprete, sejam pessoais ou sociais, de modo a permitir que as imagens informem a compreensão de pessoas e eventos contemporâneos e sirvam como um guia para a ação"(J. Kovacs e C. R. Rowland, *Revelation: Apocalypse of Jesus Christ* [Oxford: Blackwell, 2004], 9).

Por exemplo, vemos isso na Confissão de Fé de Westminster original (25:6), onde o Papa é chamado de Anticristo e o "homem da iniquidade". Isso não apenas dá muito crédito ao Romanismo, mas claramente interpreta mal as Escrituras. Se o Papa fosse o Anticristo, então o papado existia no primeiro século, pois João confronta o anticristo no primeiro século (1ª João 2:18-22). Mas o Papa não pode ser o Anticristo, pois João define o Anticristo como "aquele que nega o Pai e o Filho" (1ª João 2:22), como aquele que "não reconhece que Jesus Cristo veio em carne" (2ª João 7). Isso claramente não se refere ao ensino católico romano.

Terceiro, as exposições historicistas do Apocalipse daquela época, os anos 1500-1600, são impossíveis hoje. Se você encontrar uma exposição historicista do Apocalipse, observará rapidamente que eles acreditavam que o Apocalipse delineava a história da igreja até o seu próprio tempo, quando acreditavam que suas profecias finais estavam se cumprindo. A simples leitura de uma exposição historicista anterior hoje a refuta.

Kovacs e Rowland observam este problema:

> "Completamente mais controversa e ousada é a maneira como certos intérpretes viam essas figuras aparecendo em seus próprios dias. Para alguns, isso reflete a convicção de que os últimos dias chegaram"(Kovacs, 128; referenciado acima).

M. E. Boring parece estar correto quando observa que "embora amplamente defendido por intérpretes protestantes após a Reforma e no século vinte, nenhum estudioso crítico do Novo Testamento hoje defende esta visão" (M. Eugene Boring, *Revelation: Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching* [Louisville: John Knox, 1989], 49).

Quarto, pela própria natureza do caso, o historicismo sofre de uma necessidade de revisão constante. A escola historicista, também chamada de "história contínua", vê o drama profético do Apocalipse como um panorama da história da Igreja desde a era apostólica até o retorno de Cristo. A continuidade histórica é o foco principal desta abordagem que prevê a história futura. Os historicistas consideram o Apocalipse um "almanaque da história da igreja". Os historicistas aplicam as inúmeras cenas de julgamento a várias guerras, revoluções e movimentos sociopolíticos e religiosos (por exemplo, a ascensão do catolicismo romano, a eclosão da Reforma Protestante, a Revolução Francesa, as Guerras Mundiais I e II), bem como importantes [eventos] históricos/pessoas (por exemplo, vários papas, Carlos Magno, Napoleão, Mussolini).

De acordo com Alan Johnson, Joachim de Floris (falecido em 1202) popularizou esta visão, embora traços dela sejam encontrados anteriormente nos pais Ante-Nicene (Johnson, "Revelation" in EBC, 12:409). Como observado acima, Wycliffe, Lutero, Calvino e os Reformadores o empregaram amplamente contra a Igreja Católica Romana.

As fraquezas, porém, são múltiplas. A posição quase sempre pressupõe que os intérpretes atuais vivem na conclusão da história, de modo que tudo no Apocalipse conduz ao seu tempo pouco antes do fim. Por exemplo, Mede observou em seu comentário:

> "Enquanto escrevo notícias, é trazido de um Príncipe do Norte (significando Gustavus Adolphus) ganhando vitórias sobre o Imperador em defesa dos protestantes aflitos na Alemanha".

Comentando sobre problemas recorrentes no debate escatológico em geral, o historiador dos irmãos F. Roy Coad bem afirma:

> "Quase invariavelmente a interpretação foi viciada pela relutância ou incapacidade dos comentadores em visualizar sua própria era como algo diferente do tempo do fim" (F. Roy Coad , Prophetic Developments: A Christian Brethren Research Fellowship Occasional Paper [Pinner, England: 1966], 10).

Como consequência, as crenças estão em constante estado de revisão, especialmente para os comentaristas do Apocalipse nesta escola. Consequentemente, à medida que a história se alongou, variedades mais antigas dessa escola interpretativa experimentaram um grande número de expectativas frustradas. Essa visão por muito tempo permaneceu "estranhamente atraente, apesar da angústia e decepção recorrentes que causa" (John Court, *Myth and History in the Book of Revelation* [Atlanta: John Knox, 1979], 7).

Assim, essa abordagem está em constante revisão à medida que propõe cada vez mais construções a partir das supostas alusões

proféticas aos acontecimentos históricos. Por exemplo, essa visão foi proeminente na Idade Média, quando o milenialismo começou a florescer novamente. O sistema foi usado para mostrar que "o milênio estava prestes a amanhecer" (Carson, Moo, Morris, *Introdução ao Novo Testamento*, [Zondervan] 482).

Além disso, sua relevância está confinada ao mundo ocidental, com o progresso da história traçado apenas na direção ocidental (aparentemente, onde as vendas de livros são mais lucrativas!).

Além disso, tende a perder sua relevância para seu público perseguido original.

Seu maior problema, entretanto, é que a harmonia entre seus proponentes é quase totalmente ausente devido à sua subjetividade.

Apêndice 2
Os Últimos Dias!
Ponto de vista - IDEALISTA.

"O idealista reconhece que o livro contém algumas predições de eventos específicos, como a Segunda Vinda de Cristo, assim como algumas instruções epistolares, como aquelas achadas em suas cartas às igrejas. Porém, esse reconhecimento não significa que o idealista nega a realidade da profecia bíblica específica. A Bíblia tem várias profecias que foram cumpridas em um momento e lugar específico, notavelmente aqueles relativos ao Messias. Porém, o idealista não acredita que o intérprete pudesse esperar achar muitas profecias específicas no Apocalipse de João".
Sam Hamstra Jr

"O idealista não interage com o preterista, o dispensacionalista progressivo e o dispensacionalista clássico. Cada uma dessas abordagens do Apocalipse interpreta o texto como se seu propósito primário fosse predizer o desdobramento de eventos futuros; o intérprete identifica o cumprimento de cada episódio do Apocalipse com um evento específico ou do primeiro e do último século, ou os dois. O intérprete idealista não está interessado em perder tempo em tal empenho. Em vez disso, ele ou ela busca entender a ideia, a verdade espiritual, ou o tema transmitido pela visão. Em resumo, a pressuposição hermenêutica do idealista é claramente distinta daquela defendida em comum pelas três outras abordagens apresentadas (preterista, o dispensacionalista progressivo e o dispensacionalista clássico)".
Sam Hamstra Jr

> "A perspectiva simbólica ou idealista sustenta que os eventos descritos não devem ser concebidos de forma alguma em uma sequência temporal. Eles se referem a verdades de natureza atemporal, não indicando ocorrências históricas particulares".[1]
> Millard J. Erickson

Introdução

Neste tempo que estamos vivendo, o ser humano precisa de segurança. Atualmente, é preciso ter esperança, porque as coisas não são como realmente deveriam ser; as dificuldades afetam nossa vida em todos os aspectos.[2] Entre os muitos problemas, uma doença que está matando a mulher ou o marido, o filho que rejeitou a fé pela qual morreria, a filha que é assediada por um homem casado que tem um cargo na igreja, e seu cargo profissional de gerência que foi despedido devido à redução de custos. Além dessas calamidades, a luxúria, a ganância, e o orgulho estão entrincheirados no vazio do seu ser e afetam todo o seu pensamento e atitudes. Sua esperança para se assemelhar a Cristo está desvanecendo.

Politicamente, está claro que vivemos em uma sociedade pós-cristã. As escolas públicas não têm lugar para Deus. Os tribunais lutam entre o direito de escolher e o direito de morrer. Grupos distintos exercem influência junto às autoridades em prol do casamento entre pessoas do mesmo sexo. A herança judeu-cristã de nosso país é uma lembrança. De forma global, a escassez, a fome e as doenças ceifam indiscriminadamente a vida de crianças e adultos, de crentes e incrédulos. Direitos humanos básicos são violados à medida que o rico oprime o pobre, e o poderoso o fraco. A principal indústria no planeta é a guerra, privando o mundo de uma nova geração de líderes talentosos, enquanto homens e mulheres jovens caem mortos, não

em campos abertos de batalha como nos séculos passados, mas em ruas de cidades flanqueadas por espectadores inocentes.

Finalmente, a igreja de Jesus Cristo, seu amor e sua vida, cedeu em suas convicções, perdeu sua referência, e diminuiu sua influência, a ponto de a palavra de um papa ser negligenciada e a palavra de um missionário resultar em sua morte. Cada geração de fiéis se distancia cada vez mais do entusiasmo e da convicção daqueles que os precederam. A igreja local não fica para trás também, pois sofreu sua segunda divisão – a primeira porque o pastor foi pego na cama com a organista da igreja, e a segunda porque alguns preferem o céu para todos em vez do inferno para alguns. Outras congregações oferecem pouca esperança. Sofrem de indiferença, uma condição pior do que a oposição direta à fé.

Você mora em uma ilha chamada Patmos. Como Davi, você clama "Meu Deus, por que me abandonastes?" Como Jó, você pergunta a si mesmo por que o ímpio e o mal prosperam. Como os santos ao longo das gerações, você questiona a soberania de um Deus que prometeu vida abundante em Jesus Cristo. Você precisa de uma palavra do Senhor.

O Deus da graça, que estabeleceu aliança com suas crianças, ouve seu clamor e responde com uma série de visões, reunidas em um livro chamado o Apocalipse de João. A mensagem transmitida por essas visões é simples: embora, neste momento, os filhos de Deus sofram em um mundo onde o mal parece ter o controle, Deus é soberano e Jesus Cristo foi vitorioso. Sim, você sofre como morador deste mundo que carrega a marca do pecado de Adão. Sim, você sofre perseguição como propagador do evangelho, mas Deus o Pai o preservará e o protegerá como também a cada um de seus filhos de modo que nenhum se perca.[3] Além disso, Cristo executará a última vitória sobre Satanás e suas hostes, quando ele julgará e punirá os perversos. Então, aguente firme. Não desista. Permaneça fiel ao seu chamado como um filho de Deus. Viva pela fé, não por você mesmo, porque seu Senhor soberano derrotou Satanás. Você reinará com

Cristo, porque o reino deste mundo se tornou o reino de nosso Senhor, Jesus Cristo.

Esta palavra do Senhor vem como nenhuma outra. Não vem na forma de carta, como aquela do apóstolo Paulo que, afirma palavras de esperança – "nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.39), e "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). Você não recebe uma simples declaração da verdade como a de Efésios 6.12: "porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes". Tampouco recebe uma palavra reconfortante de vitória nos relatos históricos da vida de Cristo que proclamou vitória sobre o mundo (Jo 16.33). Mais propriamente, pela inspiração do Espírito Santo, você recebe a mensagem de Deus por uma série de visões que desfilam perante seus olhos como um filme animado, impressionando-o com desenhos gráficos e símbolos coloridos.

Os estudiosos descrevem essa apresentação pictórica[4] da verdade como apocalíptica, um estilo de comunicação e escrita caracterizada por cores que intensificam o relato, imagens vívidas, símbolos exclusivos, um enredo simples, um herói, e um final feliz. Assim, em Apocalipse você conhece anjos, animais e números. Vê raios e ouve trovões. Presencia terremotos e batalhas. Observa o cintilar das joias e uma mulher vestida com o sol que enfrenta um terrível dragão. Vê um cavaleiro em um cavalo branco e ouve a letra do coro. Aleluia.

Você aborda a literatura apocalíptica de forma distinta da que faria com uma carta ou um dos Evangelhos. No Apocalipse, as palavras substituem pigmentos e pincéis para criar uma imagem projetada para visualizar grandes princípios, não incidentes particulares. Ao resistir à tentação de analisar a imagem descrita em cada visão, você permite que a visão como um todo o impressione. E certamente

impressionará. O Apocalipse de João, como parte do cânon bíblico, a Palavra inspirada de Deus para seus filhos, iluminará de uma maneira nova os relevantes ensinamentos encontrados ao longo da Bíblia.

Em tempos como estes, você precisa de uma palavra do Senhor. Você não precisa de uma lição de história da igreja militante do século I, tampouco do último século. Você não precisa de uma visão profética de um dia que você jamais experimentará nesta vida. Neste momento, em sua luta com o pecado e o mal, você precisa de uma palavra cheia de esperança do Senhor. Você precisa do Apocalipse de João neste exato momento.

Revisão do Apocalipse

Apocalipse 1.1-20

O capítulo de abertura do Apocalipse apresenta ao leitor o livro inteiro e guarda a chave de sua interpretação. Pode ser dividido em três partes: a introdução, a saudação e a visão inicial de Jesus ressurreto.

A introdução (v.1-3) transmite cinco conceitos importantes:

> 1) Informa-nos que o livro não se originou de qualquer ser humano. É revelação de Deus o Pai e Deus o Filho, enviado a João pela ação sobrenatural de um anjo. Esse fato se provará útil ao leitor, quando for levado a rejeitar elementos fundamentais do Apocalipse, como a destruição total do mal.
>
> 2) O narrador ou autor do Apocalipse é João. Embora o livro contenha pouca informação biográfica sobre o autor, quase todo estudioso ao longo dos séculos acredita que João é o apóstolo amado de Jesus, o autor do quarto evangelho e das três cartas.

3) a introdução mostra que o Apocalipse contém uma mistura de estilos literários. É predominantemente apocalíptico (v.1), mas também profético (v.3) e epistolar, conforme comprovado pelas referências tradicionais de saudação e de benção.

4) O livro se destina a abençoar o leitor. Para muitos, inclusive eu, o Apocalipse é uma fonte de frustração. Os cristãos passam horas lutando com a identidade do anticristo, o período da tribulação, e a natureza do milênio. João assegura que suas visões são registradas para nos abençoar.

5) A introdução relata a urgência. O Apocalipse revela "o que em breve há de acontecer" (1.1; 22.6), porque "o tempo está próximo" (1.3). Essas palavras confirmam várias abordagens ao Apocalipse, incluindo a idealista, que está convencida de que o Apocalipse descreve a era completa entre a primeira e a Segunda Vinda de Cristo.

A visão inicial do Cristo exaltado (v. 9-20) é o foco ou centro da primeira visão. Nossa imaginação vai além da capacidade, conforme tentamos imaginar o Cristo descrito por João, cujo uso frequente da palavra "semelhante" adverte que não deveríamos entendê-lo literalmente. Ele usa linguagem terrena para descrever o que está além da descrição. O resultado final é uma imagem brilhante do Cristo exaltado que derruba João por terra. Uma verdade fica clara: o Cristo nessa visão não é o Jesus do Evangelho de João, quer dizer, Jesus em um estado de humilhação. Em Apocalipse, Jesus é o Filho do homem vestido com majestade e armado com uma espada de dois gumes, a Palavra, para a batalha contra aqueles que se recusam a se arrepender (2.16).

As cartas às Igrejas (Ap 2.1-3.22)

A descrição das sete igrejas desse tempo é uma franca ilustração do que pode acontecer na vida congregacional constantemente e em todos os lugares. As cartas fornecem um olhar mais íntimo da noiva de Cristo, o que ajuda o leitor a entender sua origem divina e a fragilidade do ser humano. Pelas cartas, testemunhamos sua graça e defeitos, seu zelo e indiferença, suas alegrias e tristezas, sua proteção por Cristo e a vitória final após muitas lutas.[5] Claro que as sete ilustrações dos problemas congregacionais não se igualam a um catálogo completo das possibilidades de fracasso. Os perigos para as igrejas da Ásia foram relacionados às condições daquela parte do mundo naquele tempo. Os perigos para as igrejas de hoje estão relacionados as condições de vida como existem aqui e agora. Mas o significado desses perigos é sempre o mesmo: qualquer outra coisa (não importa o quê) pode desviar a atenção da igreja em relação a Cristo, a verdadeira vida e significado da igreja, onde quer que ela esteja.[6]

Cristo é o mensageiro apropriado, porque ele é o Senhor da igreja (1.12,13), que sabe (2.2) o caráter e a vida de cada congregação, como também a posição e os problemas de cada membro.

O Cordeiro e os selos: Apocalipse 6.1-8.1

Em Apocalipse aprendemos que o Cordeiro de Deus é vitorioso, que Deus julgará cada adversário que perseguir a igreja, e que a ira de Deus é tão terrível que cada oponente do Senhor se refugia embaixo de pedras cadentes.

Agora esperamos o sétimo selo ser aberto, mas o estilo de João é tal que, antes de qualquer manifestação crítica da ira de Deus, ele fornece uma visão de conforto e esperança.[7] João segue o padrão de Ezequiel que logo antes da destruição de Jerusalém, descreveu a preservação

do crente no meio do julgamento do iníquo. A mensagem dessa visão é simples: A igreja universal – isto e, os 144 mil selados – estão seguros no meio do julgamento do iníquo provocado pelos quatro ventos.

A identidade dos selados, como a igreja universal, necessita de evidencias.

> 1) O Apocalipse não distingue entre cristãos judeus e gentios. João não apresenta nenhuma tendência particularista em contradição com o universalismo Evangelho. Para João, a igreja é uma só.
>
> 2) João tende a espiritualizar nomes judeus e imagens, como em 21.12, onde as doze tribos claramente incluem todos os crente.
>
> 3) O número dos remidos, múltiplo de mil, é simbólico de um número grande de indivíduos que, apesar da rejeição do mundo, aceitaram o Cordeiro e têm o selo de Deus em suas testas.[8] O número, múltiplo de doze, também é simbólico, representa perfeição, indicando que nenhum membro da igreja será perdido.

Enquanto uma multidão rejeita o Cordeiro e descobre que seu modo de vida foi um engano terrível, há aqueles que aceitam o Cordeiro, que têm o selo de Deus em suas testas e a herança do futuro. Essa perspectiva transmite significado e propósito aos seguidores do Cordeiro na terra. Como nos primeiros seis selos, essa visão não aponta para qualquer período especifico na história, nem descreve qualquer série específica de eventos no futuro próximo ou distante. Antes, fala da situação em todos os períodos históricos. A descrição de desastres naturais não é uma pré-estreia do fim do mundo, mas uma maneira vívida de dizer que até a natureza não manterá aqueles que rejeitam a redenção de Deus em Cristo.

Vários personagens e eventos (Ap 12.1-14.20)

A primeira visão dessa seção introduz os personagens principais na luta entre Cristo e Satanás (12.1-13.1). A primeira personagem é a mulher que simboliza as pessoas aparentemente insignificantes de Deus, ou seja, a igreja (Ef 5.32; Is 50.1; Os 2.1). Da perspectiva do céu, são brilhantes e gloriosos. Essa igreja gera a criança, a semente da mulher, o Cristo. O personagem final é o dragão, simbolizando Satanás (20.2), que tem domínio sobre o mundo (sete coroas) e que tem um tremendo poder destrutivo (dez chifres). A ação dessa visão envolve a tentativa do enorme dragão vermelho para devorar a semente da virtuosa mulher quando ela dá à luz, e a proteção e preservação da mulher e seu filho pelo Deus Todo Poderoso. Esta interpretação apocalíptica de Gênesis 3.15 resume a história do povo de Deus por meio da vida de Cristo como uma única e completa: a última luta original entre o bem e o mal, entre a semente da mulher e o dragão, com Cristo que esmaga a cabeça de Satanás.[9]

Em 12.7-12, vemos o efeito do nascimento de Cristo, redenção e ascensão ao trono no céu. Há uma batalha no céu com dois generais adversários e seus exércitos. Miguel ataca e derrota o dragão, expulsando o monstro do céu. O quadro ilustra como o sacrifício de Cristo devido ao pecado tirou de Satanás deu poder acusatório contra os crentes (Rm 8.33). Além disso, quando Satanás é derrotado, o poder de Deus é vindicado, aqueles que estão no céu se alegram e Satanás fica cheio de ira.

Babilônia (Ap 17.1-19.21)

A identidade da Babilônia foi um assunto de debates. Duas opções parecem viáveis.

a) A Babilônia representa a cidade mundana ou o centro de maldade que fascina, tenta, e leva as pessoas para longe de Deus (Ez 27 e 28). A Babilônia é o mundo louco, prazeroso e arrogante, com todo o seu luxo sedutor e prazeres, com sua filosofia e cultura anticristã, e com suas multidões que abandonaram a Deus e viveram de acordo com a luxúria da carne e os desejos da mente.[10] João não condena a sociedade, mas o tipo de sociedade que se rebela contra Deus – uma sociedade em que não há lugar algum para Deus e para a redenção feita por Cristo. No século I, a Babilônia era Roma. Duas gerações atrás era Berlim. Hoje, talvez, seja Las Vegas ou até mesmo um campus universitário. A Babilônia pode ser encontrada em todos os lugares ao longo da história do mundo. É o centro da sedução anticristã em qualquer época da história.

b) A segunda opção é que a Babilônia representa o mundo na igreja,[11] o elemento não espiritual ou o elemento terrestre que infiltrou no corpo de Cristo, ou até mesmo uma falsa igreja como Jerusalém. Seis razões apoiam essa teoria:

> 1) Em 2.9, João conhece uma comunidade que reivindica ser uma congregação do Deus vivo, mas é realmente uma sinagoga de Satanás.
>
> 2) Apocalipse 17 ecoa Êxodo 16 e 23, em que Israel é marcado como uma meretriz que não guarda a aliança divina.
>
> 3) A grande cidade é mencionada em Apocalipse 11.8, em que uma interpretação cultural política está fora de cogitação, pois há uma sugestão de que a Babilônia não deveria ser interpretada como entidade política cultural nos capítulos 17 e 18.
>
> 4) Os oficiais de Jerusalém, durante o seu ministério terrestre, se opuseram a Jesus e encorajaram Roma a crucificá-lo (At 2.23; 3.13; 4.10; 5.30; 7.52).

5) Quando a meretriz é destruída (Ap 18.20), Deus ajusta contas pelo que ela fez aos profetas e apóstolos (IRs 19.10).

6) Apocalipse 18.22,23 repete Jeremias 25.10, uma passagem que lida com Jerusalém.

A nova criação (Ap 21.1-22.5)

A cena de uma novo céu e nova terra (21.1-8), enriquecida pela cidade santa e um jardim semelhante ao Éden, ilustra semelhanças notáveis a seu predecessor, como descrito no primeiro livro da Bíblia. Em Gênesis, Deus criou o céu e a terra; em Apocalipse lemos sobre um novo céu e nova terra (21.1). Em Gênesis, os luminares são chamados à existência; em Apocalipse, a glória de Deus ilumina a cidade. Em Gênesis, lemos a respeito do astuto poder de Satanás; em Apocalipse o diabo é preso e lançado no lago de fogo (20.10). Em Gênesis, lemos sobre o paraíso perdido; em Apocalipse, o paraíso é restabelecido. Gênesis descreve o divórcio da humanidade, quando Adão e Eva fogem de Deus; em Apocalipse, os remidos desfrutam a comunhão íntima do casamento com o Cordeiro. Em Gênesis, a natureza ameaça a segurança e fere a humanidade; em Apocalipse, a natureza sustenta e conforta as pessoas. Em Gênesis, a arvore da vida é protegida por um anjo para que ninguém coma o seu fruto. O Apocalipse restabelece o acesso da humanidade ao fruto (22.14). Essa correlação óbvia entre o primeiro e o último livro da Bíblia ilustra o cumprimento da primeira profecia messiânica (Gn 3.15) e a fidelidade de Deus à aliança (Ap 21.3).

A maior parte da visão trata do desvelamento da cidade santa, a Nova Jerusalém, a noiva do Cordeiro (21.2). A descrição vívida e detalhada de João da cidade santa deixa de observar uma verdade importante: a nova Jerusalém não é um lugar, mas um povo![12]Não é o último lugar dos remidos; são os remidos! A nova Jerusalém é um símbolo da noiva, a igreja. É uma comunidade de indivíduos real e preciosa que

têm comunhão com Deus. A cidade (Sl 48; Is 26.1; 40.9) retrata a condição ideal do rebanho de Cristo, desfrutando sua vitória em Cristo sobre o pecado e a morte.

O casamento de Cristo com a igreja ilustra o cumprimento da completa e perfeita promessa de aliança encontrado ao longo da Bíblia (Gn 17.7; Jr 31.33; Rm 4.22; 2Cr 6.16). O pronunciamento de casamento divino ao trono proclama, "Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles" (Ap 21.3). O casamento do Cordeiro com a nova Jerusalém fornece comunhão íntima e permanente com Deus.

Conclusão

O cerne e a alma da abordagem idealista são aqueles que dizem que o Apocalipse é um livro apocalíptico que apresenta preceitos espirituais por meio de símbolos, em vez de um livro de profecia cumprida em eventos específicos ou pessoas na história humana. O Apocalipse não prevê eventos históricos específicos tanto quanto demonstra verdades infinitas relativas à batalha entre o bem e o mal que continua no decorrer da era da igreja. Quando achamos um evento, ou uma pessoa em que, a profecia é distintamente aplicável, podemos considerá-la cumprida dessa maneira em um evento ou em uma pessoa – mas não exaurida. Esta abordagem idealista não significa que um evento acontece repetidamente ao longo da história, mas que a verdade espiritual é infinita, pois há vários cumprimentos nesta dispensação.

Finalmente, a abordagem idealista evita as armadilhas que atormentaram os intérpretes do Apocalipse durante séculos. A história da interpretação do Apocalipse deveria ensinar uma lição: precaver-se de tentar correlatar a imagem apocalíptica com eventos atuais na história humana. Bibliotecas religiosas estão repletas de livros de autores cristãos dedicados que identificam o anticristo e

predizem a data do fim do mundo. O idealista porém, ciente de uma longa história de discordância em cima do significado desse livro, caminha intencionalmente para longe de um tempo-limite e perspectiva de evento-orientado que, no passado, só provou confundir e dividir os cristãos.

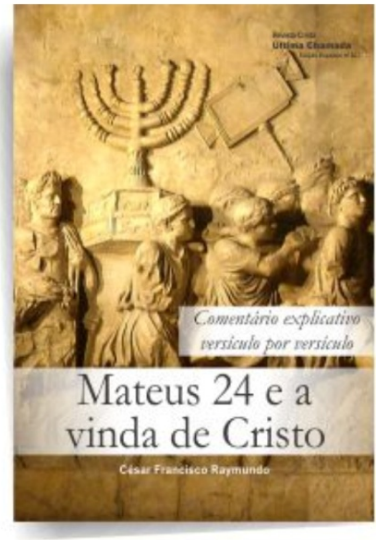
Retirado do livro: Sam Hamstra Jr. O Ponto de Vista Idealista. As Interpretações do Apocalipse. Vida. São Paulo: 2003, p. 99- 136

Este artigo foi publicado no site:
www.lagrimasportuacausa.com.br/2017/12/escatologia-os-ultimos-dias-ponto-de.html
Acessado dia 06 de Fevereiro de 2021

Notas

1. Millard J. Erickson. Teologia Sistemática. Vida Nova. São Paulo: 2015, p. 1102.
2. Cornelius Platinga Jr. Não era para ser assim: um resumo da dinâmica e natureza do pecado, São Paulo: Cultura crista, 1998.
3. The Heidelberg cathecism question and answer, p. 54.
4. O retrato pictórico é um gênero da pintura, com o objetivo de representar a aparência visual do sujeito, em geral um ser humano, embora também possam ser representados animais.
5. William Milligan, The book of Revelation, New York: A.C. Armstrong, 1893, p. 838.
6. Abraham Kuyper, The Revelation of St. John, Grand Rapids: Eerdmans, 1964, p. 27-31.
7. Milligan, The book of Revelation, p. 861.
8. Unjhem, Book of Revelation, p.103.
9. Calkins, The social message of the book of revelation, p. 117.
10. Hendriksen, More than coquerors, p. 200-2.
11. Milligan, The book of Revelation, p. 904.
12. Milligan, The book of Revelation, p. 918.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org